

Será que vamos continuar a permitir-nos, de nós próprios, uma visão superficial desta situação?

A proposta é de que a APL forme uma equipa que aprofunde esta questão.

LINGUÍSTICA E LITERATURA

JOHN PARKER

Universidade de Aveiro

1. Literatura e linguística:

a) Venho duma tradição de ensino da literatura em que se usa muito o chamado "practical criticism", que, como a "explication de texte" francesa, pretende estudar a linguagem dos textos literários. Mas, porque a Estilística, quando deixou de ser Retórica, passou a ser uma área bastante subjectiva da crítica literária, essa análise muitas vezes também o é; a "explication" tende à erudição filológica.

b) O estruturalismo obrigou muitos professores de literatura a informar-se minimamente sobre a linguística Saussureana, mas quem segue essas linhas de crítica francesa utiliza a linguística em termos essencialmente metafóricos (Barthes: uma narrativa é uma grande frase; a "gramática" narrativa de Todorov).

c) Os estruturalismos russos e da Escola de Praga. A chamada função poética de Jakobson, mal compreendida, depois desvirtuada até pelo próprio expoente, desacreditada já, embora continue na balla nos programas do ensino secundário. Relacionado com ela, a teoria da fore

grounding de Mukarovsky, baseada na separação linguagem literária/ linguagem padrão (i. é. científica). Avizinhamo-nos da hidra bicéfal a DESVIO/NORMA ,cuja consequência principal é separar a literatura das outras actividades humanas e sociais e permitir que circule no ensino secundário deste país uma ficha de "níveis de linguagem"(sic) cuja escala hierárquica põe a "linguagem literária" no seu topo, embandeirada em polissemia, metáforas, etc e tal.

2. Linguística e literatura:

a) Diz-se muito por aí que "obra literária é obra de linguagem" - mas também o são o Diário da República, os estatutos da Associação Portuguesa de Linguística, a Suma Teológica, The Methodological Character of Theoretical Concepts (de Carnap), uma apólice de seguros, uma reportagem do Correio de Manhã, a carta de Almeida Santos aos eleitores ou a carta que recebi ontem da minha mãe. São todas formas de comunicação verbal e todas organizam a linguagem utilizada com maior ou menor consciência e obedecendo às convenções do seu tipo textual.

b) Concordo, porém, com Northrop Frye, Roger Fowler e outros, quando dizem que não temos bitolas para distinguir uma estrutura verbal literária de outra não-literária. A função da linguística em relação aos estudos literários não é de oferecer uma base científica para provar que existe uma linguagem literária e que é uma coisa superior, etc. e tal.

c) A linguística - essencialmente a linguística aplicada -socio-linguística, linguística textual, psicolinguística, análise do discurso - ocupa-se tanto da literatura como da carta de minha mãe, mas a verdade é que ela oferece instrumentos preciosos para o estudo do texto literário, que sem a linguagem nem sequer existe. Sobretudo, ela oferece ao aluno que vai ser professor do ensino secundário ou preparatório a possibilidade de enfrentar qualquer texto com confiança, evitando-lhe escorar-se na biografia do autor

e meia dúzia de patacoadas sobre uma coisa a que se chama "estudo estilístico e ideológico do poema" ou "vamos ver os recursos estilísticos desta estrofe". Que linguística, porém? Será suficiente uma cadeira de Estilística ou de Teoria do Texto, para fornecer o ponto de contacto entre linguística e literatura? Ou será que as diversas cadeiras de Linguística Portuguesa não se deviam ocupar mais da língua literária, lembrados de que o estudo da língua portuguesa no ensino secundário passa essencialmente pela literatura?

O LUGAR DA LINGUÍSTICA NO ENSINO DAS
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DOS CURSOS DE
LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS

GRAÇA RIO-TORTO/MICHÈLE MONTE
Faculdade de Letras de Coimbra

Duma maneira geral, as cadeiras de Língua estrangeira caracterizam-se por uma indefinição de conteúdo(s) e conseqüentemente, por consideráveis variações programáticas, determinadas pelo docente que as lecciona. Com efeito, essas cadeiras ora apresentam uma componente literária e/ou cultural predominante -mas injustificada dada a existência de cadeiras específicas de cultura e de literatura -, ora se limitam a repetir o trabalho de aquisição levado a cabo no ensino secundário.

Por outro lado, constata-se que a cadeira de Linguística alemã, francesa ou inglesa, mesmo quando autonomizada, dificilmente é capaz